LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. **Sistema novo da natureza e da comunicação das substâncias e outros textos.** Trad. Edgar Marques. Belo Horizonte: UFMG, 2002. 113p.

Apresentação (MARQUES, 2002, p.8)

Daquilo que é substancial, os critérios são: unidade, espontaneidade (autonomia) e atividade. Na matéria não encontramos nada de substancial: é divisível ao infinito; corpos materiais, entes por agregação. Leibniz concebe assim átomos substanciais imateriais (começam por criação e terminam por aniquilamento): átomos espirituais (sem nenhuma relação entre eles), ou enteléquias primeiras ou forças primitivas ou mônadas. (MARQUES, 2002, p.8, [Apresentação ao Sistema novo da natureza...])

Sistema novo da natureza e da comunicação das substâncias, e da união que há entre a alma e o corpo — 1695 [Publicado no Journal des Savants]

No começo, quando me libertei do jugo de Aristóteles, acabei por acreditar no vazio e nos átomos, pois isso é o que mais satisfaz à imaginação. Mas, voltando a esse ponto após muita meditação, apercebi-me de que é impossível encontrar os princípios da verdadeira unidade unicamente na matéria ou em algo que é somente passivo, pois neste tudo é apenas uma coleção ou acumulação de partes até o infinito. A multiplicidade pode derivar sua realidade somente de verdadeiras unidades que têm outra origem e que são distintas dos pontos matemáticos — os quais não são nada além de extremidades do que é extenso e meras modificações, e dos quais se sabe que deles o contínuo não pode ser composto. Assim, para encontrar essas unidades reais, fui constrangido a recorrer a um ponto real e animado, por assim dizer, ou a um átomo de substância que deve envolver algo de formal ou de ativo para fazer um ser completo. Foi preciso, então chamar e como que reabilitar as formas substanciais, tão desacreditadas hoje em dia, mas de uma maneira que as tornasse inteligíveis e que separasse o uso que se deve fazer delas do abuso que se cometeu. **Descobri então que a natureza das formas substanciais consiste na força e que daí se segue algo de análogo ao sentimento e ao apetite, e que era preciso, portanto, concebê-las à imitação da noção que nós temos das almas.** Mas, uma vez que a alma não deve ser empregada para explicar detalhes da economia do corpo do animal, eu considerei do mesmo modo que não era preciso empregar essas formas para explicar os problemas particulares da natureza, ainda que elas sejam necessárias para estabelecer princípios gerais verdadeiros. Aristóteles chamas-as de enteléquias primeiras; eu chamo-as talvez mais inteligivelmente, de forças primitivas, as quais não contêm somente o ato ou complemento da possibilidade, mas ainda uma atividade original. [grifo meu] (LEIBNIZ, [1695], 2002, pp.17-18)

Leibniz Acerca das formas Ordinárias ou das Almas brutas:

Mas restava ainda a questão mais importante acerca do que se tornam essas almas ou essas formas quando da morte do animal ou quando da destruição do indivíduo da substância organizada. E essa questão é a que mais me causa embaraço visto que parece pouco razoável que as almas permaneçam inutilmente em um caos de matéria confusa. Isso me fez considerar, enfim, que somente haveria uma posição racional a assumir: a da conservação não somente da alma, mas ainda do animal mesmo e de sua máquina orgânica, embora a destruição de suas partes grosseiras o tenha reduzido a uma pequenez que escapa a nossos sentidos tanto quanto a que ele possuía antes de nascer [...] é então natural que o animal, tendo sido sempre vivo e organizado, permaneça assim para sempre [...] segue-se que não haverá extinção final nem morte integral tomada no rigor metafísico, e que, consequentemente, em lugar da transmigração das almas não há senão uma transformação de um mesmo animal conforme os órgãos são diferentemente configurados e mais ou menos desenvolvidos. (LEIBNIZ, [1695], 2002, pp.20-21)

Da imensa distância que há entre as menores produções e mecanismos da sabedoria divina e as maiores produções de um espírito limitado:

[...] essa diferença não é somente de grau, mas também de gênero. É preciso, então, reconhecer que as máquinas da natureza possuem o número de órgãos verdadeiramente infinito, e que são tão bem municiadas e protegidas contra todos os acidentes que não é possível destruí-las. Uma máquina natural permanece ainda uma máquina nas suas menores partes e, ainda mais, ela permanece sempre essa mesma máquina que ela foi, sendo unicamente transformada pelas diferentes dobras que ela recebe. Ela estendida algumas vezes, contraída algumas vezes, e quando é concentrada pensa-se que ela foi destruída.

Além disso, há, por meio da alma ou forma, uma verdadeira unidade que corresponde ao que é chamado, em nós, de *eu*, o qual não poderia ocorrer em máquinas artificiais nem na massa simples da matéria, não importando o quão organizada ela possa ser. Essa massa somente pode ser considerada como um exército ou um bando, ou como um lago cheio de peixes, ou como um relógio composto de mola e de rodas. (LEIBNIZ, [1695], 2002, p.23)

Nenhum meio de explicar como o corpo faz acontecer alguma coisa na alma ou vice-versa, nem como uma substância pode comunicar-se com uma outra substância criada:

[...] Descartes abandonou o jogo nesse ponto, mas seus discípulos, vendo que a opinião comum é incompreensível, consideraram que nós sentimos as qualidades dos corpos porque Deus faz nascer os pensamentos na alma por ocasião dos movimentos da matéria, e quando nossa alma quer, por sua vez, mover o corpo, eles consideram que é Deus que o move por ela. E, como a comunicação dos movimentos lhes parecesse ainda inconcebível, eles acreditaram que Deus dá movimento ao corpo por ocasião do movimento de um outro corpo. Isso é o que eles chamam de Sistema das Causas Ocasionais, que foi colocado fortemente em voga pelas belas reflexões do autor de A Busca da Verdade.

[...] mas para resolver problemas não é suficiente fazer uso de uma causa geral e introduzir o que é chamado de um Deus *ex-machina*, pois, fazer isso sem que haja uma outra explicação que se possa derivar da ordem das causas secundárias é propriamente recorrer a um milagre. Em filosofia, é preciso tentar tornar cognoscível de que maneira as coisas são executadas pela sabedoria divina conforme a noção do objeto tratado.

[...] Deus criou primeiramente a alma — ou qualquer outra unidade real desse tipo — de um modo tal que tudo nela surge de sua própria natureza, por uma perfeita espontaneidade em relação a ela mesma e, entretanto, em perfeita conformidade com as coisas fora dela. [...] (LEIBNIZ, [1695], 2002, pp.25-26)

**Respostas às reflexões contidas na segunda edição do Dicionário crítico de Bayle, verbete “Rorarius”, acerca do sistema da harmonia preestabelecida — [1792]. Publicada em 1716 no periódico *Histoire Critique de La République des Lettres.***

[minhas notas avulsas]:

Princípios ativos indivisíveis (corpo e alma): desconhecem o que ocorre entre eles (tudo ocorre no corpo como se não houvesse alma e vice-versa). A harmonia preestabelecida é que serve de mediador entre ambos

.

Resposta de Leibniz à Bayle pela surpresa em um navio conduzir-se (corpo e alma)

Por que então a surpresa de que tudo vai bem e com precisão, uma vez que todas as coisas que conspiram são conduzidas pela mão, desde que se suponha que isso tudo é concebido de maneira perfeita? Seria antes a maior de todas as maravilhas — ou mais propriamente a mais estranha das absurdidades — se esse navio destinado a bem conduzir-se, se essa máquina cujo caminho foi traçado desde todo o sempre pudessem falhar mal grado as medidas tomadas por Deus. No que diz respeito à massa corporal, não é preciso, então, comparar nossa hipótese como um navio que conduza a si mesmo ao porto, mas sim com esses barcos de travessia, fixados a uma corda que atravessa o rio. É como nas máquinas do teatro e nos fogos de artifício, cuja precisão não se acha mais estranha, quando se sabe como tudo é feito. Nesse caso, transferimos nossa admiração da obra para seu criador, exatamente como quando se vê que os planetas não precisam ser conduzidos por inteligências.

E, com efeito, considero as almas ou, mais propriamente, as mônadas, como átomos de substância, uma vez que, segundo minha opinião, não de matéria na natureza, possuindo a menor porção da matéria ainda partes. (LEIBNIZ, [1695], 2002, pp.99-100)

Mudanças na ALMA

A Alma representa o Universo de seu ponto de vista finito, assim possui uma percepção confusa e imperfeita do infinito (Deus).

O estado da Alma, como o do átomo, é um estado de mudança, uma tendência: o átomo tende a mudar de lugar, a alma tende a mudar de pensamento. Um e outro mudam por si mesmos da maneira mais simples e uniforme que seu estado permite. Por que há, então, (serei perguntado), tanta simplicidade na mudança do átomo e tanta variedade na mudança da alma? É porque o átomo (tal como ele é concebido, pois não há tal coisa na natureza), ainda que tendo partes, não tem nada que cause a variedade na tendência, posto que se supõe que essas partes não mudam suas relações, enquanto que a alma, apesar de completamente indivisível, contém uma tendência composta, que dizer, uma multiplicidade de pensamentos presentes, dos quais cada um tende a uma mudança particular, seguindo o que ele próprio encerra e que se encontra nele todo de uma vez, em virtude de sua relação essencial a todas as outras coisas do mundo. (LEIBNIZ, [1695], 2002, pp.101-102)

Conforme Leibniz ([1695], 2002, p.103), o prazer não é mais do que um composto de pequenas percepções, das quais, cada uma, se fosse grande, seria uma dor. 103

Pensamentos do corpo, para Leibniz ([1695], 2002, p.104), os pensamentos confusos diferem dos pensamentos distintos por serem menos desenvolvidos e cheios de multiplicidades.

**Extensão, espaço e tempo:**

[...] a extensão é a ordem das coexistências possíveis, assim como o tempo é a ordem possibilidades inconsistentes mas que, entretanto, estão conectadas.[...]

[...] Mas o espaço e o tempo, tomados em conjunto, são a ordem das possibilidades de todo um universo, de sorte que essas ordens (quer dizer, o espaço e o tempo) relacionam-se somente ao que existe atualmente, mas ainda ao que poderia ser colocado em seu lugar, assim como os números são indiferentes a tudo o que pode ser *res numerata* [não são coisa enumerável] (LEIBNIZ, ([1695], 2002, pp.110-111)